

"... é um trabalho-fronteira porque não é psicanálise, não é arte. Então eu fico na fronteira, completamente sozinha."

Lygia Clark

**E**ste número de *Percurso* adquiriu a configuração de um agrupamento de solitários, no sentido que Lygia Clark dá à solidão. Um feliz agrupamento no qual as solidões, ao coabitarem, podem se entreolhar sem abandonar sua condição: a morada nas fronteiras.

Solidões de quem desapassiva, como dizem Odelis e Simone em seu escrito "Adeus à loucura". Desapassar: condição simultânea do criar e do se mover nos limites. Joel Birman, em "Ser ou não ser imprescindível", expressa a solidão de quem se desapassiva daquilo que foi instituído pelo *establishment* psicanalítico. Como os demais articulistas, cada um a seu modo, Birman não fica aderido à especificidade que lhe é dada; ele nos doa a sua particular angústia de quem vai aos confins, e o seu particular prazer do conseqüente efeito de se redimensionar.

A propósito do traumático, Felícia Knobloch diz: "experiência-limite, não por ser uma experiência que desafia o limite, mas por extravasar o delimitado". Não se trata mesmo de ultrapassar por ultrapassar, mas de, rompendo os limites, atingir o original como próprio. Assim, Decio Gurfinkel desapassiva o conceito de regressão, trabalhando a partir daí a questão da psicossomática, e Flávio Carvalho Ferraz (dentro da mesma questão) reflete sobre as esquecidas neuroses atuais, chegando ao que transcende à delimitação do simbólico. Transitar neste território de fronteira entre psique e soma nos coloca também grandes desafios. Já Luis Cláudio Figueiredo aborda a fala e construção psicanalíticas enquanto fenomenalizadoras, para além do campo circunscrito das razões, e Felícia, pelos caminhos de Ferenczi, transpõe os umbrais do representacional.

Desapassar o corpo, deixá-lo ser corpo-bicho, é ao que nos convida Suely Rolnik, de dentro de um híbrido arte/clínica. Já Daniel Delouya, interrogando a

contigüidade entre Freud e Goethe, transita na intersecção ciência/arte, localizando neste espaço a condição necessária para que Freud deixe fluir o feminino em si e nos seus escritos.

A Internet - território novo, novos limites - se faz presente com Ana Raddi Uchôa, como a possibilidade de se mover na Rede sem que o contato homem/homem se perca na encruzilhada homem/informática. E Paulo Carvalho Ribeiro, entre Laplanche e Lacan, apresenta a sua proposta singular, na qual a primazia do sexual não se perde frente à relevância do outro para a constituição do inconsciente.

Na aventura das invenções se lançam Odelis e Simone, sem a proteção do saber prévio, justamente para encontrar a Psicanálise como produtora de respostas políticas em outra rede - a das instituições de saúde mental. Radmila Zygoris, na Entrevista, recusa a passividade frente à teoria, e propõe o inventivo da análise como um momento "quase poético", no qual algo descoberto não precisa ser inserido no "já pensado"; aqui a análise pode, sem ficar atada pelos intelectualismos, resgatar-se como terapêutica.

Fronteiras, invenções... *Percurso* parece estar inserida, no campo das publicações psicanalíticas, como um pólo de imantação que atraiu esta modalidade de artigos. Assim se coloca também a questão do que conduz à escolha de certos textos e não de outros (tarefa nada fácil): tal escolha não passa pelo endosso que o Conselho Editorial daria aos seus conteúdos, mas pela valorização do *bom texto*, aquele que se apropria fundamentadamente das idéias que expressa, e as expressa de forma estimulante. E a elucidação das concordâncias e divergências? Esta tem acontecido e continuará a acontecer no vivo dos encontros dos autores com os leitores, entre os quais se inclui o Conselho Editorial. Um outro momento, com uma outra característica, no diálogo das solidões. ■